

## Eleições na França — a Nova Frente Popular



Por **JULIA CAGÉ & THOMAS PIKETTY\***

*A esquerda francesa foi demonizada, mas a sua agenda é realista, não radical*

O primeiro turno das eleições legislativas na França produziu uma onda inédita de apoio à extrema direita. No próximo domingo, 7 de julho, o *Rally Nacional* (RN) e seus aliados podem potencialmente chegar ao poder. Não apenas com uma maioria relativa, mas – e há uma probabilidade significativa disso – com uma maioria absoluta.

Alguns podem argumentar que a extrema direita chegou e que deveríamos simplesmente nos acostumar com ela. Partidos de extrema direita ganharam eleições nos últimos anos em outros países europeus, incluindo Itália e Holanda. Mas não podemos nos acostumar com isso. Uma vitória da extrema direita representa uma grande ameaça ao nosso contrato social básico e às nossas liberdades.

Enfrentamos a implementação de políticas que discriminam estrangeiros, migrantes, mulheres, minorias e muito mais. Como não tem uma plataforma econômica confiável, a extrema direita retornará à única coisa que conhece – a exacerbação das tensões e a política do ódio.

Qual é a alternativa? A aliança de esquerda, a Nova Frente Popular (NFP), é a melhor chance da França.

Esta aliança se inspira na Frente Popular – que em 1936 surgiu sob a ameaça do fascismo para governar a França. Esta coalizão de esquerda de socialistas e comunistas representou uma mudança real para as classes trabalhadoras, com políticas como a introdução de férias pagas de duas semanas e uma lei limitando a semana de trabalho a 40 horas.

Tal mudança social foi possível pela vitória eleitoral, mas também pelas demandas da sociedade civil e pela pressão dos sindicatos, que organizaram uma onda de ocupações de fábricas. Havia uma clara competição sociopolítica entre os trabalhadores e as classes dominantes que levou a um conflito político entre a esquerda e a direita.

A Nova Frente Popular está seguindo um caminho semelhante hoje, com políticas ambiciosas para melhorar o poder de compra de pessoas pobres e de classe média baixa. Essas reformas incluem um aumento substancial no salário mínimo, salários indexados a preços e almoços escolares gratuitos.

Mais importante, a Nova Frente Popular quer priorizar o investimento no futuro aumentando os gastos públicos em infraestrutura – em todo o país, incluindo em áreas rurais isoladas – bem como em saúde, educação e pesquisa. Esta é a única maneira coerente de planejar o futuro e aumentar a produtividade do trabalho, que sob Emmanuel Macron caiu 5% desde 2019.

O manifesto econômico detalhado do Nova Frente Popular foi lançado no mês passado com os custos completos. Porque – e isso é novo – os planos da Nova Frente Popular são equilibrados de um ponto de vista orçamentário: o investimento em

crescimento e produtividade futuros, bem como em transição energética e climática, poderia ser tornado acessível por meio de tributação progressiva da riqueza, a introdução de um imposto de saída, tributação efetiva de empresas multinacionais e uma luta há muito esperada contra o *dumping* social, fiscal e ambiental.

Este programa também daria aos trabalhadores mais poder dentro das empresas que os empregam, melhorando a governança corporativa (por exemplo, reservando um terço dos assentos nos conselhos de administração da empresa para representantes dos funcionários, seguindo disposições semelhantes que existem há décadas nos países nórdicos e na Alemanha).

Esses planos são o completo oposto do caminho seguido por Emmanuel Macron desde 2017. Sua agenda exacerbou a desigualdade de renda e riqueza, enquanto não houve nenhuma mudança em investimento, criação de empregos ou crescimento.

Para combater o apoio à extrema direita, a estratégia de Macron era buscar apoio tanto do centro-direita quanto do centro-esquerda. Na prática, isso passou a parecer cada vez mais uma coalizão de eleitores abastados e, como as eleições recentes mostraram, não se pode governar de forma sustentável um país com uma base eleitoral tão estreita.

Alguns agora buscam assustar os eleitores de esquerda e centro-esquerda alegando que o programa da Nova Frente Popular para o governo seria perigoso para a economia francesa. Eles estão errados. Não estamos alegando que este manifesto é perfeito – como poderia ser, dado que Emmanuel Macron só permitiu três semanas para se organizar para as eleições? Mas no contexto histórico, ele deve ser considerado um conjunto pragmático e social-democrata de propostas voltadas para a redução das desigualdades e preparação para o futuro. Não há nada de radical nesta agenda.

Talvez o mais importante seja que este programa permitirá que a esquerda tente reconquistar votos em áreas rurais e cidades menores, onde as pessoas gradualmente se voltaram para a extrema direita.

No último domingo, o *Rally Nacional* obteve uma parcela de votos 1,6 vezes maior em cidades pequenas e médias (50.000 habitantes ou menos) do que em grandes centros urbanos (com populações acima de 250.000). O inverso vale para a esquerda. Digitalizamos todos os resultados de nível de comuna para eleições legislativas desde 1848, e não víamos uma lacuna geográfica tão grande nos padrões de votação desde o fim do século XIX e início do século XX.

Em cidades com populações entre 20.000 e 30.000, como Hénin-Beaumont, uma antiga cidade de mineração de carvão no nordeste, e o distrito eleitoral de Marine Le Pen, o *Rally Nacional* obtém 60% dos votos. Mesmo em cidades mais populosas, como Cambrai, em uma região que sofreu grandes paralisações industriais nas últimas décadas e é relativamente mal servida por infraestrutura, como hospitais, universidades e conexões de transporte público, o partido de Marine Le Pen está obtendo pontuações acima de 40%.

Como mostramos em nosso livro *Uma história do conflito político*, pessoas em cidades menores e áreas rurais são atraídas para a extrema direita principalmente por questões socioeconômicas: elas não têm poder de compra, sofrem mais com a falta de investimento em infraestrutura pública e sentem que foram abandonadas por governos de todos os tipos nas últimas décadas.

A plataforma de políticas da Nova Frente Popular aborda de forma credível como financiar uma estratégia de investimento inclusivo. Em contraste, a extrema-direita argumenta a favor da revogação do imposto existente sobre multimilionários imobiliários. Ela alega que financiará suas políticas mirando estrangeiros e beneficiários de assistência social, mas isso simplesmente gerará mais desilusão econômica e mais tensões.

A única ameaça na França no próximo domingo é a que representa a vitória da extrema direita. Esperamos que os eleitores centristas entendam o que está em jogo e voltem para a esquerda.

# a terra é redonda

\***Julia Cagé** é professora de economia na Sciences Po Paris.

\***Thomas Piketty** é diretor de pesquisas na École des Hautes Études en Sciences Sociales e professor na Paris School of Economics. Autor, entre outros livros, de O capital no século XXI (Intrinseca).

Tradução: equipe do site [ihu.Unisinos](https://ihu.unisinos.br).

Publicado originalmente no jornal [The Guardian](https://www.theguardian.com).

---

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.  
Ajude-nos a manter esta ideia.**

**[CONTRIBUA](#)**